

Analfabeto acha difícil

A diarista Maria Neuza de Souza, de 43 anos, acordará cedo no próximo sábado e se dirigirá a sua seção eleitoral, na Cellândia. Como todos os eleitores, ela certamente enfrentará filas para votar. Como muitos, terá dificuldade para preencher seu voto: ela é analfabeta. Maria Neuza não sabe ainda em quem vai votar, mas acha bom ter o direito de escolher seus representantes no Congresso. "Eles podem melhorar a minha vida", acredita.

A cédula eleitoral, para ela, é um bicho-de-sete-cabeças. Maria Neuza não identifica números ou nomes. Não sabe qual espaço é destinado para votar em senador. Desconhece o local reservado para o voto em deputado. Não tem a

mínima idéia do que é voto na legenda. Ignora o número de candidatos que pode ajudar a eleger. Ela contou que foi à escola quando pequena, no Maranhão, "mas não consegui aprender". Depois de "grande", tentou o Mobral, cujas aulas frequentou durante um ano. Foi inútil também.

Ao ser esclarecida sobre como votar, a eleitora olhou para a cédula, parou e pensou. Depois, confessou: "Não entendi muito bem". Maria Neuza, entretanto, está certa de que poderá aprender a preencher a cédula em tempo. "Minha filha me explicará", informou. Mas ela tem um temor: ser enganada por candidatos ou cabos eleitorais. Ciente de que seu apelo pouco adiantaria, ela concluiu: "A cédula poderia ser mais simples..."